

HELENISMO: UMA NOVA *GENESIS* GREGA

Dulcileide V. do Nascimento - UERJ

Resumo: O mundo grego-alexandrino nos foi apresentado como uma pintura: a primeira impressão que temos é a de estar diante de um borrão, causado pelas chagas das sucessivas guerras, mas, à medida que direcionamos nossa visão, deparamo-nos com dores que se unem e formam uma imagem coesa. Assim ocorreu com a arte/literatura alexandrina, cujo objetivo foi o de relatar e representar esse momento tão bem identificado na poesia de Teôcritos e de tantos outros poetas, como Herondas, que uniram a sensação provocada pelo cárcere do realismo com a da liberdade criadora de quem busca uma nova identidade. Palavra, objeto e movimento se tornam um ser único e, assim com a Fênix, a Grécia ressurgiu e revive para se tornar, mais uma vez, imortal.

Palavras-chave: Helenismo/Poesia/Realismo

Fora do restrito meio acadêmico, pouco brilho tem a luz do helenismo, se comparada ao esplendor dos períodos anteriores da literatura grega. O mundo do individualismo, da filosofia, do poder da palavra e da dramatologia teve as paredes da solitária caverna platônica demolidas e se adaptou a uma nova estrutura, onde a supremacia intelectual convive com a busca de ideais.

Quem pensou que o grego, acostumado a ser identificado pela sua forma de pensar, perderia, ao ser dominado, a sua identidade, se enganou. Nenhum mito, como o da Fênix, me parece, tão bem caracteriza essa “nova Grécia”, tamanha sua capacidade de ressurgir e se adequar a realidade. Essa maneira de conceber a realidade, se tornou muito mais verossímil com a nossa realidade, terceiro mundo, lutando por um lugar ao sol, do que a dos períodos anteriores, fato que nos suscita a descrição de Paul Harvey: “...se os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres. Houve durante algum tempo uma depreciação sensível do

dinheiro, quando os recursos do tesouro persa foram postos em circulação por Alexandre, com uma conseqüente elevação dos preços; estes caíram novamente durante o S.III, mas voltaram a seu nível antigo por volta de 200 a.C. Nesse ínterim, os salários reais parecem ter caído durante a metade do S.III. Essa queda produziu efeitos sobre a população, pois os pobres tinham dificuldades para criar seus filhos, e há evidências de que ao longo da época helenística o infanticídio tornou-se comum. Havia inquietação social, provocada por reivindicações para o cancelamento de dívidas e para a redistribuição de terras;”¹

A Grécia clássica, nunca foi o país ideal, pois vivia em constantes guerras, quer entre suas próprias cidades que ambicionavam independência uma das outras e soberania, quer com outros países. O respeito adquirido graças à supremacia intelectual assegurada e fixada em Atenas, no séc. V a.C., não foi suficiente para impedir que fosse dominada, fato que podemos dizer teve como seu desfecho a derrota na batalha da Querôneia pelo exército de Filipe II da Macedônia, em 338 a. C.

Mas é no nome e na figura de Alexandre III da Macedônia, chamado de o Grande, continuador e mantenedor das conquistas de seu pai, que encontramos o verdadeiro reflexo desta nova fase da Grécia: Alexandros (aléxo + andros = protetor/defensor do homem) representa assim como seu nome, a dualidade existente na literatura dessa época, na medida que como dominante protegeu o dominado. Suas ações foram responsabilizadas pela continuidade da cultura grega, fora do mundo grego, não helênico; daí o termo helenístico ser aplicado a orientais helenizados. Se compararmos Alexandre com a pessoa de Jesus, não querendo com isso fazer nenhuma heresia, podemos dizer que enquanto Jesus estendeu a salvação da alma aos gentios, Alexandre estendeu a salvação da mente (cultura) aos não gregos, não traindo assim os ensinamentos de seu preceptor Aristóteles.

Os gregos, mesmo não aceitando nem assimilando determinados costumes dos povos, que também conquistados, se tornaram helenizados, vão aos poucos se desvinculando de certos conceitos, como por exemplo o do monopólio intelectual estar intimamente ligado a um sexo e a

uma determinada elite. E, embora a literatura não tenha conseguido alcançar a mesma influência sob a civilização romana e sob as posteriores que a arte e a filosofia helenística conseguiram, ela inovou com as novidades de gênero, ritmo e estilo.

Dentre os autores que se destacaram nesta época, me chama atenção os textos do siracusano Teócrito, poeta versátil que mesmo empregando diversos gêneros literários nos seus poemas, manteve uma obra uniforme. Isso se deve ao cuidado que teve com a forma e com a seleção vocabular em composições de tamanho curto.

Teócrito se tornou conhecido por uma coleção de cerca de trinta trechos seletos, denominados Idílios, “pequenos poemas”, principalmente pelos designados bucólicos (I, III, IV, V, VI, VII, X e XI). Entretanto, mesmo sabendo que elementos considerados bucólicos foram encontrados em autores anteriores, como por exemplo na obra de Eurípides de nome *O Cíclope*, é ele considerado o criador desse gênero literário, pois o sistematizou. E, mesmo vivendo nas cidades consegue dar às suas poesias um caráter nostálgico e ao mesmo tempo realista ao descrever a vida no campo.

Ele ainda renovou, se comparado com Herondas, ao modificar um gênero conhecido como Mimo (II, XIV e XV), dando-lhe uma estrutura mais complexa com o uso de refrões , dividindo o texto em duas partes e no Idílio XV inserindo um canto em honra a Adônis; e ao empregar o *επύλλιον* (XIII, XXII, XXIV, XXV e XXVI), diminutivo de *επος*, verso épico que tem como assunto narrações mitológicas. Um gênero literário tipicamente alexandrino. Além disso escreveu também epigramas de adulação a soberanos (XVI e XVII), um epitalâmio (XVIII) alguns de temática erótica (XII, XXIX e XXX), escreveu também epigramas e provavelmente um poema figurado a *Sirinx*, em que a disposição espacial dos versos procura desenhar uma flauta de Pã.

Teócrito é bem variado no uso dos dialetos. Na maioria dos seus idílios empregou o dórico, nos outros utilizou ora o jônico, ora o eólico (imitando o estilo de Alceu e de Safo). Embora a língua oficial dessa

nova Hélade seja a *koiné*? Teócrito prefere o uso do dórico por ser seu dialeto de origem e pela temática de seus poemas, dando-lhes um tom rústico, pois segundo a tradição, a poesia bucólica encontraria sua origem nos cantos dos pastores da Sicília.

Escolhemos dois textos para exemplificar a obra de Teócrito: O Idílio XV e o poema figurado Siringe.

No Idílio XV, intitulado *As Siracusanas*, lemos que uma mulher, denominada Praxínoa, vai assistir às festas em honra a Adónis em Alexandria em companhia de sua amiga Gorgo. Este Idílio apresenta um tom coloquial e muitas descrições que dão ao poema uma aparência de realidade. As obras de arte deste período buscavam exatamente isso, a proximidade com o real, com o verdadeiro, a mimesis perfeita, é o que nos demonstra os versos a seguir:

“Gorgo – Praxínoa, vem cá. Observa primeiro as tapeçarias, como são finas e graciosas. Dir-se-ia que são túnicas de deuses.

Praxínoa – Atena soberana, que costureiros as trabalharam? Que pintores traçaram estas figuras preciosas? Como são naturais, paradas e em movimento! Estão vivas, não tecidas. O ser humano é uma coisa sábia. E como ele é admirável, reclinado sobre uma cadeira de prata, a primeira penugem de barba lhe descendo das têmporas, Adônis, três vezes amado, amado até Aqueronte” (v.78-86)

O deslumbramento dessas mulheres diante da festa e da riqueza encontrada em Alexandria nos faz pensar na própria vida do autor, que sendo siracusano, viveu na capital egípcia; esse idílio acaba por ser uma espécie de homenagem àquela que o recebeu tão bem.

Ainda neste idílio encontramos as duas mulheres falando em dórico, reforçando o uso do dialeto no texto e ao mesmo tempo dando um tom exótico ao falar dessas mulheres:

“Outro estranho – Parai, suas desgraçadas, de tagarelar sem fim, suas gralhas! Vão acabar com alguém com todas essas vogais abertas.

Praxínoa - ... Fica sabendo isto também: somos de Corinto por

nossos ancestrais, como também Belorofonte. Falamos à maneira do Peloponeso. Os dórios têm licença, acho, para falar dórico.”(v.87 – 93).

O poema *Sirinx* ou *Siringe* tem como título e forma a flauta de Pã. Segundo a lenda, Pã teria inventado a flauta de sete canudos em honra a ninfa *Sirinx*, que sendo desejada por ele, para livrar-se do deus, foge e se transforma em caniços. Pã cortou alguns em tamanhos diferentes, atou-os entre si e construiu a flauta, dando-lhe o mesmo nome da ninfa. Pã, é o deus dos cultos pastorais, de aparência meio humana, meio animal. Seu nome significa Tudo, porque “tudo se assemelha a ele, em uma certa medida, por sua avidez, mas também porque ele encarna uma tendência própria de todo o universo²”.

Por isso esse poema nos encantou, encontramos nele a concretização do falar, não só nos versos, mas na forma, onde palavra e objeto se tornam um ser único. O poema é composto por dez dísticos dactílicos que vão decrescendo desde o hexâmetro até o dímetro cataléctico, imitando a forma da flauta³. O poema é moldado como uma peça de arte onde cada detalhe é imprescindível para que finalizada possamos admirá-la como se fosse uma criação única e perfeita: o resultado da união da arte com a literatura.

Outro fator que influenciou para escolha deste poema foi a temática abordada por ele. Ele fala sobre Pã, deus que na sua aparência e no seu nome traz a ambigüidade do nosso próprio existir; meio homem, meio bicho e ao mesmo tempo meio tudo, sendo a sua figura uma fiel representante do bucolismo. Além disso, sem contar com a significação literária do nome do poema e da sua forma, vemos no entrelaçar das alusões mitológicas apresentadas a busca do aperfeiçoamento do fazer poético, quer na seleção vocabular, quer na sonoridade dos seus versos.

Embora se questione a autenticidade deste poema, não se encontrou nele argumentos que provassem outra autoria⁴. Esse fato não empobrece o texto, nem tão pouco o autor/ ilusor, que através de uma

aparente simplicidade constrói um instrumento musical, não com caniços, mas com palavras que soam tão bem quanto as notas musicais emitidas pela siringe de Pã.

BIBLIOGRAFIA

AUBOYER, Jeannine e André Aymard. *O Oriente e a Grécia antiga*. Rio de Janeiro- São Paulo, DIFEL, 1977, Tomo I

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro. José Olympio Editora, 1982.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda. 1987.

LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

PAES, José Paulo. *Poemas da ontologia grega ou palatina*. São Paulo Companhia das Letras, 1995.

THEÓCRITE. *Idylles*. Paris. Presse Universitaires de France, 1968.

NOTAS:

¹ HARVEY, Paul. 1987. p.201

² CHEVALIER, Jean. 1982, p.676

³ LESKY, Albin. 1995, p.763

⁴ Além da Antologia Palatina, encontramos este poema citado como de Teócrito na publicação de publicada por Aldo Manúcio em Veneza em 1495, a publicada em Florença em 1516 por P. Giunta e a publicada em 1516 por Zacarias Calierges.